

A dívida externa. A busca de uma solução equânime

L. G. NASCIMENTO SILVA

Tudo vai mal no quartel de Abrantes. A economia do País se retrai, e não se expande. A verdade é que a previsão oficial dos resultados do Produto Interno Bruto (PIB) em 1988, na avaliação do Departamento de Contas Nacionais do IBGE, indica a taxa de crescimento de apenas 0,04%, isto é, um índice de estagnação. O número final só será divulgado em março pelo Departamento de Contas Nacionais, mas a previsão agora adiantada já avança um indicador provável do resultado final das contas da Nação.

É melancólico ter de enfrentar essa realidade, especialmente porque ela, como se sabe, tem como consequência uma redução real do PIB per capita, que deverá cair na proporção de 1,9%, bem abaixo, pois, do crescimento da população que deverá ser de 2,1%. Assim haverá uma redução da previsão desse PIB per capita que se estima em CZ\$ 699.387, ao invés de atingir o nível de CZ\$ 714.433, que seria a estimativa normal. Ao mesmo tempo nossa dívida externa tem se mantido no nível elevado de US\$ 120,1 bilhões, com um serviço de juros e encargos que come muito de nosso superávit de exportações.

O panorama do Mundo, entretanto, é outro, muito outro. Os países do mundo desenvolvido apresentam em 1988 injeáveis índices de crescimento econômico. O volume do comércio mundial aumentou nesse ano cerca de 9%. O produto anual bruto dos 24 países que compõem a OCDE cresceu 4% em média. Os índices do aumento da economia norte-americana são igualmente elevados. Eles corresponderam a

2,6% ao ano de 1967 e 1977 e essa margem de crescimento continua sem retração. A expansão econômica dos países do Sudeste Asiático e do Japão é ainda mais considerável no quadro mundial. Só os países da área soviética e seus satélites é que não tiveram expansão, e sim retração considerável.

Enquanto isso a economia dos países sul-americanos também decresceu em 1988. À exceção do Chile, que apresentou um crescimento de 6%, confirmando a expansão dos dois anos anteriores, e do Equador, que também apresentará um razoável resultado nesse ano, todos os demais países tiveram economias em regresso e até taxas negativas do produto bruto.

Isso tudo indica a necessidade e a urgência de que os países do mundo ocidental e ainda o Japão voltem sua atenção para o desenvolvimento da economia da América Latina. Isso é premente, e só isso poderá fazer reverter uma tendência esquerdizante que se expande em seus países e, de modo especial, o que se está esboçando na Argentina e até mesmo no Brasil.

Uma luz se fez agora com a promessa do Presidente eleito dos Estados Unidos, George Bush, de que é chegado o momento dos países desenvolvidos buscarem uma fórmula que possibilite uma substancial redução no pagamento da dívida dos países latino-americanos, dívida essa que só se vem acumulando a partir de 1982, sem que suas economias permitam o vislumbre de solvência.

Também no campo europeu o Presidente da França, François Mitterrand, já propôs que

os países desenvolvidos se reúnem em torno da necessidade de se buscar uma saída realista para o problema da dívida, encontrando, porém, resistências por parte do Japão e da Alemanha, e ainda uma visível má vontade de Margaret Thatcher. Assim, só uma ação decidida e realista do novo Presidente americano poderá vencer essas oposições e levar os países desenvolvidos a adotarem uma solução realista de consenso.

O Brasil, com uma taxa de crescimento de sua população de 2,1%, que se aplica a um já elevado índice populacional de cerca de 140 milhões de pessoas, é um dos países mais vulneráveis ao agravamento de suas condições de trabalho. O desemprego continua a pesar fortemente nas novas camadas populacionais do País, e os demais reflexos sociais negativos só se exasperam: alimentação cada vez mais precária; evasão da escolaridade, pois em cada 100 crianças que se matriculam na primeira série apenas nove saem na oitava série; imperfeito atendimento das necessidades de saúde e salário-mínimo insuficiente para atender às necessidades básicas do trabalhador, e por aí vai a série de carências.

Por isso tudo, urge uma solução para o problema da dívida externa brasileira, como da dos demais países do continente sul-americano. Eles precisam ser aliviados dos pesados encargos que essa dívida acumulada está representando. O Mundo está cada vez mais se solidarizando, e isso em benefício geral.

Quando chegará a vez de uma solução equânime para o angustiante problema da dívida externa de nossos países?